

AS TRAJETÓRIAS MIGRATÓRIAS DOS COLONOS RIO-GRANDENSES NO PARAGUAI (1970-1980)

THE MIGRATORY TRAJECTORIES OF THE RIO-GRANDENSE SETTLERS IN PARAGUAY (1970-1980)

Vanucia Gnoatto¹
Rosane Marcia Neumann²

RESUMO: O presente artigo trabalha as trajetórias migratórias de colonos descendentes de imigrantes europeus que migraram do Rio Grande do Sul rumo à região oeste do Paraná e, de forma definitiva, ao Paraguai entre as décadas de 1970 e 1980. Essas migrações tinham, em sua essência, como elemento propulsor a busca pela propriedade da terra, ou seja, ser e continuar sendo colono. Nesse período, a região oeste do Brasil e a região leste do Paraguai eram pontos de atração para esse fluxo populacional. Sendo assim, os seres emigrante e imigrante são frutos de vários fatores presentes na terra natal e de destino desses migrantes. Para traçar essas trajetórias migratórias, trabalha-se com histórias de vida desses sujeitos históricos.

Palavras-chave: Migração. Memória. Trajetórias.

ABSTRACT: This article deals with the migratory trajectories of descendants of Europeans who migrated from Rio Grande do Sul in search of more accessible lands towards the western region of Paraná, and then definitively to Paraguay. The study of the migratory problem of the descendants of Europeans to the south of Brazil and east of Paraguay shows us how much these processes include several important significant elements for the understanding of contemporary migratory flows. Thus emigrants and immigrants are the result of various factors present in the homeland and destination of these migrants. The method used is oral sources in which it was sought to analyze interviews produced from the memory of some migrants about their migrations.

Keywords: Migration. Memory. Trajectories.

1 INTRODUÇÃO

Para traçar e compreender as trajetórias migratórias Brasil-Paraguai, buscou-se investigar e analisar histórias de vida de famílias de colonos rio-grandenses de ascendência europeia, que deixaram o sul do país nas décadas de 1970 e 1980, deslocando-se rumo ao Paraguai como destino final. Percebe-se, no entanto, que essas trajetórias foram marcadas por vários movimentos migratórios sucessivos, em alguns casos já dentro do Rio Grande do Sul, em outros com uma breve estadia em Santa Catarina e Paraná. Como ponto de partida e de chegada estava a propriedade da terra.

Como metodologia de pesquisa, usa-se a história oral com narrativas de histórias de vida, trabalhando com a memória desses sujeitos. A memória, “no sentido mais básico do termo, é a presença do passado”, pois “é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social e nacional” (ROUSSO, 2006, p. 95). Logo a memória é uma construção coletiva, mas sempre é individual, ou seja, do sujeito. Todavia a memória também tem caráter individual, pois “é o conjunto da personalidade de um indivíduo que emerge

¹ Graduada em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: vanuciagnoatto@gmail.com.

² Doutora em História pela PUCRS e professora do PPG em História da Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: rosaneneumann@gmail.com.

da memória. Origem do sentimento de continuidade temporal, condição necessária da representação da unidade do Eu” (CANDAUI, 2012, p. 61).

Ainda sobre a memória, Candau (2012, p. 16) argumenta que ela nos dá a ilusão de que “o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança”. Ao mesmo tempo, a memória e a identidade estão muito próximas uma da outra.

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente e se apoiam uma outra para produzir uma nova trajetória de vida, de história, um mito, uma narrativa. Ao final resta apenas o esquecimento (CANDAUI, 2012, p. 16).

Nas trajetórias desses migrantes, devemos destacar o papel da memória como um elemento importante diante do novo. Conforme Pollak (1992, p. 204):

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

Para Woortmann, a memória sempre funciona no sentido de “trabalhar” o passado para criar o presente e construir o futuro. Para ela, “a memória é sempre seletiva; ela não dá presença a um passado genérico, mas a determinados eventos, localizados em determinados lugares no espaço e no tempo, dotados de significado em contextos específicos” (WOORTMANN, 2000, p. 213).

Nesse sentido, as histórias de vida narradas por esses migrantes que optaram por se estabelecer no Paraguai são marcadas por esse processo, em que histórias individuais e coletivas se confundem e carregam consigo uma identidade de grupo construída no local de chegada, onde prevalece a epopeia do colono imigrante.

2 POR QUE AS PESSOAS MIGRAM?

O imigrante é um ser carregado de utopias e sonhos. Ao decidir por migrar, literalmente toma um passo no escuro, sem certezas, enfrentando todos os riscos e percalços possíveis do caminho. Parte atraído pela possibilidade do *novo*, de melhores condições de vida, de uma *nova* pátria. Às vezes, impulsionado pelo espírito aventureiro, mas, na maioria das vezes, carregando os sonhos e expectativas da família.

Os movimentos migratórios estão presentes em todos os povos, de modo que Dreher (1995) afirma que

a história da humanidade é a história da migração. Contudo o sujeito percebe-se como protagonista de sua história quando ele tem a possibilidade, mas principalmente a coragem de atuar numa mobilidade espacial, percebendo-a como uma possibilidade de modificar o curso dos acontecimentos, de mudar a sua trajetória de vida. Vangelista destaca que, na literatura grega e no imaginário ligado a ela, ensina-se que “o herói é aquele que rompe e ultrapassa os confins, o que vai além do horizonte, o que cria uma descontinuidade não só entre espaços, mas inclusive entre presente e o futuro” para ele e para o seu grupo. Assim sendo, “a mobilidade é então o núcleo, o sentido da narração, o que leva o protagonista para o meio da História” (VANGELISTA, 2010, p. 15).

Permanecer ou partir é uma opção, que pode implicar a travessia do Atlântico ou a mobilidade de uma região para outra, ou ainda ultrapassando fronteiras, como Brasil-Paraguai. Independente da escolha, implica o rompimento com o ponto de partida, a construção de novas redes sociais e identidades de grupo, expectativa e frustração. Ao chegar, a expectativa atendida ou a frustração, há aqueles que se adaptam e permanecem, mas outros rapidamente decidem mais uma vez partir.

Seguindo essa lógica, Sayad (1998) entende a migração como a dualidade do sujeito que ao mesmo tempo é emigrante, quando sai de sua pátria, e imigrante, quando chega a novas terras. A origem da imigração é o emigrante. Assim, a migração é entendida como um “fato social completo”, pois o indivíduo é denominado imigrante pela sociedade que o denomina a partir do momento em que ele chega a um novo território (SAYAD, 1998, p. 16). O autor salienta que existe uma dupla contradição na imigração: “não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinitivamente ou, ao contrário, se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade”. Porém “insiste-se com razão na tendência atual que os imigrantes possuem de se ‘instalar’ de forma cada vez mais duradoura em sua condição de imigrantes” (SAYAD, 1998, p. 45), a qual passa de provisória a definitiva. Defende a tese de que é o trabalho que “fez ‘nascer’ o imigrante, que o fez existir; e é ele, quando termina, que faz ‘morrer’ o imigrante, que decreta a sua negação ou que empurra para o não-ser” (SAYAD, 1998, p. 56). Evidencia-se que o trabalho torna o homem e a mulher sujeitos de sua própria história; quando se torna escasso ou é pouco valorizado, leva ao surgimento do emigrante e, logo depois, dirige-o ao local de destino, assim um imigrante.

Para Sayad (1998, p. 68), toda imigração de trabalho contém o germe da imigração de povoamento que a prolongará; inversamente, pode-se dizer que não há imigração reconhecida como de povoamento que não tenha começado como uma imigração de trabalho.

Contudo, para as nações acolhedoras de imigrantes, os mesmos são úteis quando têm a sua força de trabalho para oferecer. Quando esses começam a disputar espaço com os nacionais e reivindicar direitos básicos como moradia, saúde e educação, são rejeitados pela mesma sociedade que lhes abriu as portas, dificultando assim a sua permanência nesse local. Essa tese de Sayad, articulando imigração e trabalho, não é aceita de forma unânime pela historiografia, mas explica em grande medida os processos migratórios históricos e do tempo presente.

Segundo Klein (1999), a migração não começa até que as pessoas descubram que não conseguirão viver com seus meios habituais em suas comunidades de origem. Para além da questão econômica, aponta outros três fatores dominantes para a migração: o primeiro, o acesso à terra, no caso ao alimento; o segundo, a variação de produtividade da terra; e o terceiro, o número de filhos que precisam ser mantidos. Nas grandes migrações dos séculos XIX e XX, período em que mais de dois terços dos migrantes desembarcaram nas Américas, o que existia era uma combinação desses três fatores. Além desses, o fator demográfico influenciou as migrações. A possibilidade de obter terra era uma constante atração para todos os imigrantes. Se comparada com a Europa, as terras nas Américas eram bem mais baratas, o que tornava grande a probabilidade de trabalhadores sem terra conseguirem suas propriedades em um curto período de tempo (KLEIN, 1999, p. 13-16).

Nesse contexto, referindo-se à imigração no Brasil e à propaganda efetuada na Europa, o imigrante suíço Thomas Dawatz escreveu um texto de denúncia em meados do século XIX, ressaltando que a emigração tornara-se um problema vital para as populações pobres de muitos países europeus. Para o autor, o sonho de melhorar de vida era alimentado por relatos ilusórios, descrições e pinturas realizadas por aqueles que já haviam emigrado, os quais distorciam a realidade para não revelar que haviam sido enganados. Além disso, Dawatz denunciava que a propaganda dos agentes de emigração colocava em primeiro lugar os seus interesses, desconsiderando a condição de extrema miséria em que o povo se encontrava. Devido à propaganda incisiva, a expectativa de emigrar teria assumido pro-

porções inimagináveis, a qual denominou de “febre da emigração”. Essa “febre da emigração” conduzia os emigrantes para fora de sua pátria atraídos pela propaganda, inibindo a reflexão sobre sua decisão e sobre o passo que estavam dando. Tal atitude levava muitos a arrepende-se depois e por não ter dado ouvidos aos conselhos de pessoas sensatas. Restava-lhes, então, conformar-se com a dura realidade encontrada e enfrentar em silêncio a dor do êxodo (DAWATZ, 1980, p. 36-37).

Na Europa, havia posturas favoráveis à emigração e outras, contrárias, que procuravam diminuir essa “febre”. Porém,

quando a ideia de emigrar começa a criar raízes, é como tioririca, que é difícil de extirpar. Quase sempre impossível. Mesmo que se consiga dominá-la, ou será de maneira breve, fugaz, pois brota novamente. É como micróbio que acaba tomando conta do indivíduo. Poderia dizer-se que a vontade de emigrar constitui uma doença contagiosa, uma doença para qual a Europa não possui remédio (RODOWISC-OSWIECIMSKY apud GREGORY, 2008, p. 46).

A dualidade expulsão-atração é uma característica dos movimentos migratórios, e a propaganda funciona como um dos elementos de difusão desse *outro* lugar e suas possibilidades. Entre as opções, o emigrante opta por aquela em que tem informações e que aparenta ser a mais atraente. O mesmo quadro desenhado por Dawatz em meados do século XIX reencontramos nas narrativas dos emigrantes no século XX.

A América figurou como um dos destinos dos emigrantes europeus no decorrer do século XIX até meados do século XX. Conforme Viales Hurtado (2000, p. 2)

Para el caso europeo, parece haber consenso al atribuir a las primeras fases de la industrialización y su impacto sobre el mundo rural y la manufactura tradicional, un papel preponderante en los orígenes de las migraciones contemporáneas – del siglo XIX y principios del siglo XX – de ahí el énfasis puesto en el estudio del siglo XIX dado el influjo del capitalismo.

Na mesma perspectiva, Valdir Gregory (2008) destaca que muitos europeus migraram com a finalidade de poder continuar sendo proprietários de um pedaço de terra ou vir a ser, ou seja, a expectativa de tornar-se proprietário de terras movia significativa parcela desses migrantes. Para o autor, a própria vivência da religiosidade dos migrantes influenciou muito “para fortalecer a mentalidade de que o estilo de vida natu-

ral na pequena propriedade rural é o que mais convém ao bom cristão” (GREGORY, 2008, p. 51). Acrescenta que

os migrantes europeus que entraram na Região Sul, em sua grande maioria alemães e italianos, não se destacaram numericamente. No entanto, se considerar a época da vinda às colônias, principalmente os alemães, que chegaram durante cinco décadas antes que outros grupos étnicos começassem a colonizar as terras florestais do Brasil, e se considerar o número de seus descendentes, o significado de sua presença se modifica consideravelmente (GREGORY, 2008, p. 55).

Para a maioria dos emigrantes, a travessia do Atlântico foi encarada como um ato heroico, sem possibilidade de retorno. Conforme Sant’Ana (apud NEUMANN, 2013, p. 2), referindo-se aos emigrantes alemães,

A colonização alemã torna-se resultado de medidas e atitudes coerentes, decididas e positivas. A miséria transformou-se em heroísmo. Os colonos são objetivos, decididos, corajosos e vencedores. No imaginário epopeico, o abandono à própria sorte é uma grande e constante marca. O abandono de quem escapou da pátria-mãe e não volta mais. A narrativa lembra o filho pródigo que jamais voltará. A epopeia colonizadora é a história do filho pródigo que não voltou.

Tratando dos processos migratórios no Rio Grande do Sul, Jean Roche (1969) divide-os em quatro fases. A primeira até 1850, aquela em os imigrantes europeus, mais especificamente os imigrantes alemães, instalaram-se no estado. A segunda fase, que vai de 1850 a 1890, seria a marcha para o oeste, rumo à região do vale do rio Caí. A terceira fase ocorreu a partir de 1890 na região do Planalto, mais especificamente nas colônias públicas e privadas. E a quarta e última fase inicia em 1914 e dela faz parte o êxodo rural, período no qual ocorreu um grande fluxo migratório para as cidades, bem como a saída de imigrantes para os estados de Santa Catarina, Paraná, entre outros. Segundo esse mesmo autor, “a agricultura dos colonos alemães teve caráter essencialmente pioneiro. Depois de ter feito recuar a floresta, esgotou o solo, obrigando os colonos das gerações seguintes a emigrar” (ROCHE, 1969, p. 319).

A terceira fase da migração ocorreu devido ao esgotamento das terras e ao crescimento da população nessas colônias, ou seja, a natalidade e a técnica incompatíveis com a estrutura agrária conduziram ao êxodo da população excedente. Dessa forma, “porque

eram proprietários, mais precisamente pequenos proprietários, os colonos foram condenados a deixar o lote desbravado pelos pais e a continuar ou voltar a ser pioneiros” (ROCHE, 1969, p. 319).

No Rio Grande do Sul, em específico, podemos perceber um primeiro processo de imigração e colonização alemã no século XIX, localizado nas regiões próximas à capital, onde predominaram os núcleos fundados pelo poder público. Já no final daquele século e início do século XX, percebe-se um processo de remigração rumo à região do Planalto.

O processo de imigração e colonização alemã no Brasil foi acompanhado por um movimento interno paralelo: a remigração, ocorrendo de uma colônia à outra, ou dentro da própria colônia, além do retorno dos (i) migrantes. No final do século XIX, esse movimento de pessoas tornou-se mais intenso ainda, e a distância entre o lugar de saída e de destino cada vez maior. Nesse contexto, no Rio Grande do Sul, insere-se a migração das *colônias velhas* para as *colônias novas*, entre as *colônias novas* e, principalmente a partir da década de 1920, das *colônias novas* para o oeste catarinense, e assim sucessivamente. Todo projeto de colonização ao se lançar carregava consigo uma leva de migrantes, atraídos pela possibilidade de adquirirem (mais) terras para si e seus filhos, por preços reduzidos, na perspectiva de permanecer/tornarem-se proprietários (NEUMANN, 2009, p. 5).

A migração de descendentes de imigrantes alemães para a região do Planalto Médio deu-se por um conjunto de situações, como o crescimento demográfico da antiga zona de colonização alemã, aliado à escassez de terras para venda; a rotação de terras, acompanhada do uso intensivo e das queimadas, provocava o rápido esgotamento do solo com a queda da produção; a disponibilidade de terras por preços mais acessíveis nas frentes pioneiras de colonização; o abandono ou a conjugação da atividade agrícola com o artesanato rural; a falta de sociabilidade foi a responsável pelo abandono dos lotes ou o desespero de muitos imigrantes, pois a distribuição dos lotes em linhas coloniais, distantes umas das outras, era diferente do modo de vida em aldeia conhecido na Alemanha (NEUMANN, 2013, p. 7).

Logo, “para continuarem agricultores, esses colonos deixaram o seu torrão, para encontrarem um novo lote, deixaram o seu, pois não eram rendeiros, mas proprietários ou filhos de proprietários” (ROCHE, 1969, p. 319). Essas novas colônias receberam mais descendentes de antigos colonos do que imigrantes: desde

o advento da República, o governo do Rio Grande do Sul, pouco favorável à grande imigração, desejava antes absorver os excedentes da população colonial que existiam (ROCHE, 1968, p. 344).

A experiência da itinerância vai formando e construindo a identidade dos migrantes. Para Sales (1996, p. 90):

O caráter itinerante do trabalhador rural brasileiro é nesse sentido, talvez, a sua principal marca característica desde os tempos do Brasil Colônia até a expressão maior do assalariado rural de hoje concretizado nos trabalhadores clandestinos e bóias frias. A itinerância do trabalhador rural brasileiro, cujas causas estruturais remontam ao predomínio econômico e político do latifundiário, foi sem dúvida um dos motores da ocupação da nossa fronteira agrícola.

O Rio Grande do Sul apresenta algumas especificidades com relação ao aspecto da itinerância de seus trabalhadores. Entre elas estão a ocupação territorial, que foi concomitante ao período de modernização da agricultura. Além do próprio processo de subdivisão da herança da pequena propriedade familiar, que se encontrava em esgotamento na fronteira agrícola no interior do estado, aspecto que impulsionou a itinerância de trabalhadores, o que extrapolou os limites estaduais (SALES, 1996, p. 91).

Como aponta Fiorentin, os migrantes europeus que já estavam habituados a trabalhar com a terra adaptaram o espaço das colônias ocupadas no Brasil meridional, ao mesmo tempo em que foram se moldando a ele. Por vezes resistindo e por outras se acomodando às mudanças, “migraram para novas fronteiras agrícolas, buscando preservar os seus hábitos culturais, ainda que houvesse espaço para a inovação, especialmente as tecnológicas” (FIORENTIN, 2010, p. 25).

O movimento das colônias velhas para a região norte do estado foi vivenciado, por exemplo, pela família de Lourdes Franck. Em 1960, quando ela tinha três anos, a família saiu de Bom Princípio, na época pertencente a São Sebastião do Caí, e migrou para Crissiumal, permanecendo na atividade agrícola.

Eles lá não tinham nem... Nós já em éramos duas filhas, eu e minha irmã. Meus pais eram casados. Morávamos junto com o avô materno. Eles foram em busca de outras terras, novos horizontes pra eles. Lá não tinha mais. Após foram para Crissiumal, ali era praticamente puro mato. Daí foram nas aventuras ali sabe... (Lourdes Franck, Naranjal, 25/08/2016).

Devido às mudanças na economia rural brasileira, ocorridas a partir de 1930, muitos trabalhadores ru-

rais começaram a se interiorizar pelo país, buscando terras virgens em outras fronteiras agrícolas, visando consolidar uma agricultura e pecuária de expansão. No governo de Getúlio Vargas (1930-1945), a ocupação do território foi promovida através de uma ação administrativa agressiva por meio do programa “Marcha para o Oeste”. Nas regiões de fronteira, como era o caso do sudoeste e do oeste paranaenses, onde a população e a economia possuíam laços estreitos com argentinos e paraguaios, o poder público buscava, através de suas ações, evidenciar e explicar os sentimentos nacionalistas e até impô-los quando necessário (GREGORY, 2008, p. 67).

A trajetória migratória de Iriceu Franck explica-se nesse contexto. Nascido no município de Crissiumal no Rio Grande do Sul, em 1952, ainda jovem, migrou em 1972 para Marechal Cândido Rondon no Paraná. Situado em uma região de fronteira, optou por ultrapassá-la e emigrou em definitivo para Naranjal, Paraguai, na expectativa de ser e permanecer proprietário de terras. Ao narrar a sua trajetória migratória, em especial a sua decisão pela emigração, afirma: *Pois isso tudo é uma aventura assim... A gente quando sai do lugar, vai pra um lugar onde nunca foi..., tu sempre volta diferente, sempre aprende algo a mais que tu vê que tu não tinha visto naquela lugar que tu estava* (Iriceu Franck, Naranjal, 08/08/2016).

Entre tantas trajetórias destacamos a da família de Neison Scholl Bamberg, natural de Santa Rita, Paraguai. A trajetória dessa família chama atenção, pois vivenciou vários processos migratórios, sempre em busca de melhores terras e condições de vida, seguiu o fluxo da propaganda e acompanhou o processo de expansão. Os avós paternos, João Willibaldo Scholl e Irma Petri Scholl, eram naturais de Feliz no Rio Grande do Sul, uma das primeiras colônias de colonização alemã. Em 1953, migraram para Santa Catarina, estabelecendo-se na colônia católica de Itapiranga, na parte que hoje configura o município de São João do Oeste. Conforme Franzen (2013), a instalação da colônia de Porto Novo em 1926, atual Itapiranga, foi idealizada pela Sociedade União Popular (*Volksverein*), vinculada aos padres jesuítas, para ser uma colônia para colonos de ascendência alemã e religião católica, com o objetivo “de cultivar e, acima de tudo, conservar, os princípios morais e culturais tradicionais frente às mudanças que vinham transcorrendo no período nas colônias do sul do Brasil” (FRANZEN, 2013, p. 195).

Já seu pai, Inocêncio Scholl, nascera em Itapiranga. Todavia, em 1967, a família migrou novamente, agora com destino a Missal no Paraná.

A família sempre acompanhou um movimento migratório por melhores condições de vida... Como era família de agricultores sempre buscaram melhores áreas de cultivo. No entanto, em Santa Catarina, conseguiram uma área maior, mas muito difícil de se trabalhar, terra caída e com pedras. Aí surgiu a promessa de que no Paraná era melhor. Realmente em muitos lugares é assim. Mas na Linha São Pedro, do município de Missal, não era muito melhor que os lugares anteriores... Meu pai e os tios ficaram de 8 a 10 anos no Paraná (Neison Scholl Bamberg, Santa Rita, 28/08/2016).

Após esse período no Paraná em uma zona de fronteira, a família optou por mais uma migração, rumo a Santa Rita no Paraguai, onde se estabeleceu como proprietária de terras.

A migração rumo ao oeste do Paraná começou a se intensificar nesse contexto com a promessa de terras melhores. Roche (1969, p. 354) ressalta que, desde 1940, “a onda da emigração rio-grandense dirige-se para o Paraná, que qualificavam como a ‘Nova Canaã’ por causa de suas terras de café”. Fiorentin reforça que muitas famílias de agricultores sulistas, vindas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, migraram para o oeste do Paraná. Tratava-se de descendentes de poloneses, alemães e italianos. Ao chegarem ao Paraná, dedicaram-se ao corte da madeira, desmatamento da região e, por fim, à substituição de árvores por lavouras de cereais, algodão e criação de suínos (FIORENTIN, 2010).

O mesmo processo migratório das colônias velhas para as colônias novas foi vivenciado pela família de Pedro Jacob Schlindwein, que, no ano de 1955, com apenas 3 anos de idade, juntamente com seus pais, migrou de Montenegro para Humaitá no noroeste do estado. Porém a realidade encontrada não favoreceu a permanência da família, que, motivada pela propaganda referente às terras férteis, melhores e com um custo acessível do Paraná, migrou no ano de 1969 para Marechal Cândido Rondon.

Primeiro a família Schlindwein migrou para Humaitá, onde com o passar dos anos se deu conta de que não era muito diferente da realidade dura de Montenegro, terras muito acidentadas e com muitas pedras. Nesse momento, começaram a surgir por todo o Rio Grande do Sul comentários das terras vermelhas e planas do Paraná. Então o senhor Aloisio Schlindwein tomou coragem e foi olhar as terras do Paraná. Voltou e disse para sua esposa: tal dia nós vamos!!! (Pedro Jacob Schlindwein, Naranjal, 11/10/2016).

Marechal Cândido Rondon foi colonizada pela empresa MARIPÁ; a mesma teve caráter seletivo na escolha dos colonos, selecionando aqueles que se adaptassem ao clima da região, dando preferência a agricultores do sul do país e não a aventureiros.

No oeste do Paraná, o estabelecimento de colonos de uma forma organizada e intensa ocorreu no início da segunda metade do século XX. Diversas empresas colonizadoras e madeireiras foram organizadas para investir na exploração madeireira e no mercado de terras. As áreas dos atuais municípios de Toledo e Marechal Cândido Rondon e municípios emancipados desses foram colonizadas pela Companhia Madeireira e Colonizadora Rio Paraná Ltda. MARIPÁ, criada em 1946. A MARIPÁ adquiriu uma área de 274 mil hectares e realizou a colonização a partir de 1948 (GREGORY, 2008, p. 218).

Rapidamente, essas novas regiões coloniais foram se constituindo e modernizando, tornando o acesso à terra mais difícil, escasseando rapidamente os lotes disponíveis. Somado a outros fatores, conduziu o êxodo rural e o surgimento de novas frentes migratórias de expansão em busca de terras mais baratas e acessíveis, como no caso da migração de sulistas ao Mato Grosso e região norte do país. Paralelamente às migrações regionais, surge o fenômeno migratório além-fronteiras no Mercosul entre Brasil e Argentina, Brasil e Uruguai, Brasil e Paraguai, atraídos pelas políticas e possibilidades agrárias dos países vizinhos.

3 O QUE ATRAI OS IMIGRANTES AO PARAGUAI?

O processo migratório do Brasil para o Paraguai, segundo o estudo organizado por Zamberlam e Corso (2010), iniciou no final da década de 1950 e acentuou-se no final da década de 1960. O presidente paraguaio Alfredo Stroessner, ao assumir o governo em 1954, manteve estreitas relações com o Brasil, dando passe livre aos brasileiros para explorar as matas daquele país. O seu projeto de governo desenvolvimentista formulou o programa de *Crescimento para Fora*, com a finalidade de modernizar a economia local e estimular o povoamento das áreas de fronteira com o Brasil. Naquele contexto, o Brasil também passava por um rápido processo de modernização agrícola e, como consequência, de êxodo rural, em parte amenizado por essa aproximação (ZAMBERLAM; CORSO, 2010, p. 17).

função da ausência vinculadas a amizade, parentesco, religião, vizinhança, por exemplo.

A intensa propaganda nas zonas coloniais do Brasil em relação às terras para a agricultura no Paraguai levou a família de Noeli Maria Patuch Rambo a migrar pela segunda vez no ano de 1979,

[...] momento en el cual por la crisis financiera de esos años, gran inflación de los productos y poca producción en el campo, llevó a colapsar los comercios (que siempre se manejaban a crédito) y al no haber giro de dinero no pudo cobrar yendo a la bancarrota. Esto obligó a papá, a buscar nuevas perspectivas y en la época el lugar que se mencionaba que tenía buen desarrollo, era uno llamado “Chapadão dos Gaúchos” en Mato Grosso; hacia donde él se dirigió para confirmar estas informaciones, pero camino allí para en el estado de Paraná para visitar a un ex vecino, y este le informó que la gente estaba migrando hacia Paraguay donde había buena oferta de tierras, baratas y productivas. Allí cambió el rumbo y en vez de continuar hacia Mato Grosso vino hacia Paraguay a confirmar esta otra nueva información. Llegando aquí encontró una tierra buena, llena de bosque, con gran potencial y por sobre todo barato. Así que volvió a Tres Passos y lanzó esta expresión: “ Si DIOS hizo tierra más lindas que Paraguay puede guardarlas para él, porque yo me voy es a Paraguay”. Dicho esto vendió lo que tenía, pagó las cuentas dejando todo saldado, le sobro un poco de dinero y las fichas de sus deudores, las cuales nunca pudo rescatar, y salieron hacia Paraguay (Noeli Maria Patuch Rambo, Santa Rita, 07/09/2016).

No Paraguai, muitos imigrantes brasileiros permaneceram; outros, porém, partiram novamente em busca de mais e melhores terras em outros departamentos do Paraguai. Outros acabaram por optar em morar nas cidades ou nas cidades brasileiras próximas à fronteira em busca de assistência médica. Outros ainda acabaram retornando ao Brasil em virtude das dificuldades e conflitos enfrentados no país vizinho, colocando-se em uma condição de brasiguaios, não sendo mais paraguaios nem brasileiros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto esses fluxos migratórios considerados tinham por objetivo central a busca de terras com preços acessíveis e férteis e efetivaram-se por intermédio de redes sociais de entreajuda. A emigração era motivada por fatores individuais, questões econômicas e sociais. Nos casos analisados, sobressai a busca pela propriedade da terra como elemento essencial da migração. Ana-

lisando essas trajetórias migratórias como processos históricos de média duração, fica evidente tratar-se de uma característica cultural, pois para esses sujeitos não havia um apego sentimental a um espaço, à sua “casa paterna”, mas sim à propriedade da terra, e sempre que possível ou necessário se desfaziam de sua propriedade, e tornavam a migrar.

A propaganda realizada por colonizadoras e por familiares, antigos vizinhos ou conhecidos motivou a migração de famílias do Rio Grande do Sul para Santa Catarina, Paraná e para o Paraguai. A política agrária brasileira foi favorável à interiorização da migração, evitando investir em uma reforma agrária que viesse ao encontro das famílias que não possuíam terra.

A memória da trajetória migratória desses colonos brasileiros no Paraguai é imbuída de um sentimento de heroísmo diante das dificuldades encontradas e superadas, como a falta de estrada, o isolamento, a falta de infraestrutura elétrica e água potável, de assistência médica e de escolas, além dos desafios para a abertura de novas terras cultiváveis, que era muitas vezes realizada com ferramentas pouco eficientes e de forma manual.

REFERÊNCIAS

- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- DAWATZ, Thomas. **Memórias de um colono no Brasil (1850)**. São Paulo: Itatiaia Editora, 1980.
- DREHER, Martin. O fenômeno imigratório alemão para o Brasil. **Estudos Leopoldenses**, São Leopoldo, p. 60-61, 1995.
- FIORENTIN, M. I. **A experiência de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010)**. 2010. 122 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2010. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24333/Dissertacao%20Marta%20Fiorentin%5b1%5d.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 12 jun. 2017.
- FRANZEN, Douglas Orestes. Colônia Porto Novo: a esperança de uma colonização étnica e confessional no extremo oeste catarinense. In: TEDESCO, João Carlos; NEUMANN, Rosane Marcia (Coord.). **Colonos, Colônias e Colonizados: aspectos da territorialização agrária no sul do Brasil**. Porto Alegre: Letra & Vida, 2013. p. 195-213.
- GREGORY, Valdir. **Eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)**. 2. ed. Cascavel: Edunoeste, 2008.
- HURTADO, Viales Ronny. Las migraciones internacionales teóricas y algunas perspectivas de análisis desde la historia. **Cuadernos Digitales**, n. 1, ago. 2000. Disponível em: <<http://>

br:historia.fcs.ucr.ac.cr/cuadernos/c1-his.pdf.>. Acesso em: 24 jun. 2014.

KLEIN, Herbert S. Migrações internacionais na história das Américas. In: FAUSTO, Bóris (Org.). **Fazer a América**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1999. p. 13-32.

MONDARDO, Marcos Leandro. Por um pedaço de chão: a diáspora gaúcha e catarinense para o Paraná e a construção do território rede. **Travessia**, v. 23, n. 66, jan./jun. 2010.

NEUMANN, Rosane Marcia. **Uma Alemanha em miniatura: o projeto de imigração e colonização étnico particular da colonizadora Meyer no noroeste do Rio Grande do Sul (1887-1932)**. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

_____. Migração: mobilidade social e espacial dos imigrantes alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA REGIONAL, 2., 2013, Passo Fundo. **Anais eletrônicos do II Congresso Internacional de História Regional (2013)**, Passo Fundo, 2013.

POLLAK. Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RIQUELME, Marcial. Notas para el estudio de las causas y efectos de las migraciones brasileñas en el Paraguay. In: FOGEL, R.; RIQUELME, M. **Enclave sojero merma de soberanía y pobreza**. Asunción: Centro de Estudios Rurales Interdisciplinarios, 2005. p. 118-136.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul I**. Porto Alegre: Globo, 1969.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 93-102.

SALES, Teresa. Migrações de fronteira entre o Brasil e os países do Mercosul. **Rev. Brasileira de Estudos Pop.**, Campinas, v. 1, n. 13, p. 87-98, mar. 1996.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SILVA, Henrique Manoel. **Fronteiras: as condicionantes históricas da ocupação e colonização do oriente paraguaio: a região de Katueté, no Departamento de Canindeyú 1970-2000**. 2007. 291f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/90764>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SOUCHAUD, Sylvain. **Geografía de la migración brasileña en Paraguay**. Asunción: UNFPA, 2001.

TEDESCO, João Carlos. **Estrangeiros, extracomunitários e transnacionais: paradoxos da alteridade nas migrações internacionais brasileiros na Itália**. Passo Fundo/Porto Alegre/Chapecó: Ed. UPF/Ed.PUCRS/Argos, 2010.

VANGELISTA, Chiara. Mobilidade social e espacial como objetos da história. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO, 19, 2010. **Migrações: Mobilidade social e espacial**. São Leopoldo: Oikos, 2010.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. Identidades e memória entre teuto-brasileiros: os dois lados do Atlântico. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 6, n. 14, p. 205-238, nov. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v6n14/v6n14a09.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-7183200001400009>.

ZAMBERLAN, Jurandir; CORSO, Giovanni (Org.). **Emigrantes brasileiros no Paraguai: presença Scalabriniana**. Porto Alegre: Solidus, 2010.

FONTES

Iriceu Franck, nascido em 1952, em Crissiumal, RS, migrou com a família em 1972 para Marechal Cândido Rondon, PR, residente em Naranjal, PY, desde 1978. Entrevista realizada em 08/08/2016.

Lourdes Franck, nascida em 1957, em São Sebastião do Caí, em 1960 migra com a família para Crissiumal, em 1971 migra novamente com a família para Marechal Cândido Rondon, PR, residente em Naranjal, PY, desde 1978. Entrevista realizada em 25/08/2016.

Neison Scholl Bamberg, nascido em 1985, na cidade de Mindaguauçu, Paraguai, residente em Santa Rita, PY. Contou a trajetória de sua família. Seus avós paternos, João Willibaldo Scholl e Irma Scholl Petri, migraram da cidade de Feliz, RS, no ano de 1953, para Itapiranga, atual São João do Oeste, Santa Catarina; ali nasceu o seu pai Inocêncio Scholl no ano de 1956. Em 1967, toda a família migra para Missal, PR, e em 1980, seus pais Lucia Bamberg e Inocêncio Scholl migram para Santa Rita, Paraguai. E em 1985, o seu avô migra para o Paraguai. Entrevista recebida em 14/09/2016.

Noeli Maria Patuch Rambo, nascida em 1963, em Humaitá, RS, alguns anos após migra com a família para a cidade de Três Passos, RS, em 1979 migra com a família para Santa Rosa del Monday, PY, reside atualmente em Santa Rita. Entrevista recebida em 07/09/2016.

Pedro Jacob Schlindwein, nascido em 1952, em Montenegro, RS, em 1969 migrou com a família para Marechal Cândido Rondon, PR, residente em Naranjal, PY, desde 1976. Entrevista recebida em 11/10/2016.